

A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS COMO UMA POSSIBILIDADE PARA ENSINO DE LITERATURA NAS ESCOLAS

Mariana Pereira GUIDA (bolsista PIBID/UNIFAL-MG) ¹

ORIENTADOR: Prof. Ms. Robson Santos de Carvalho

RESUMO

O artigo que segue tem por objetivo promover apontamentos a respeito do ensino de literatura no ensino básico, lançando mão de incompletudes nele constatadas para propor uma ideia de conduta metodológica que promova um domínio proficiente de conceitos de arte/literatura. Partiremos de um esboço prévio sobre tais deficiências de aprendizagem verificadas em observações e relatos das aulas tradicionais de literatura acompanhadas pela pesquisadora na escola-parceira do Programa de Iniciação à Docência (PIBID-UNIFAL), do qual esta é bolsista, para discutir a possível eficácia de preceitos da teoria pedagógica da Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) nesta área do ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino de literatura, PBL, leitura literária.

RESUMEN

El presente artículo busca hacer apontamientos a respecto de la enseñanza de literatura en la escuela secundaria, utilizando una conducta metodológica que promueva un alto dominio de los conceptos de arte y literatura. Como hay incoherencias en la enseñanza de literatura, nosotros partimos de un esbozo previo sobre las deficiencias en el aprendizaje, tal esbozo fue construido a partir de observaciones y relatos de las clases tradicionales de literatura. Todas las clases fueron acompañadas por la investigadora, becaria, en la escuela inserida en el Programa de Iniciação à Docência (PIBID/UNIFAL), dónde fue posible empezar la discusión sobre la eficacia de los preceptos de la teoría pedagógica del Aprendizaje Basado en Problemas (PBL), en el área de enseñanza de lengua portuguesa.

Palabras clave: Enseñanza de la literatura, PBL, lectura literaria.

As aulas de literatura como sinônimo de aulas de história da literatura.

A literatura é inserida no currículo escolar no primeiro ano do ensino médio com o objetivo de, juntamente com o estudo da língua, prover ao aluno o desenvolvimento necessário da competência linguística para compreender todas as formas de representação que compõem situações que o cerca. Neste aspecto, o trabalho com arte proporcionado pela literatura objetiva suscitar

“formas instituídas de construção do imaginário coletivo, patrimônios representativos da cultura, preservados no eixo

¹ mariana13_muz@hotmail.com

temporal e espacial, manifestos em linguagens que detêm estatutos e códigos próprios [...]” (PCNEM, Brasil, 2010. 65, p.)

As aulas de literatura acompanhadas pela pesquisadora contemplaram este segmento de iniciação ao ensino da literatura – turmas de primeiro ano – e o que se pôde constatar não condiz com as premissas do PCN, mas sim com as recentes estudos sobre o ensino de língua portuguesa no país, que denunciam a inoperância de nossos alunos no que diz respeito à leitura e compreensão de textos, o domínio de conceitos de linguagem e noções de estética textual. Compartilhamos da ideia de que parte considerável do fulcro problemático deste fato encontra-se no anacronismo das aulas tradicionais, solapadas pelo imperativo método racionalista moderno que concebe o ensino como a transmissão de conceitos prontos, verdades absolutas ao aluno – passivo – pelo professor – detentor único do conhecimento.

Este caráter impositivo de um conhecimento pronto e irrefutável a ser “absorvido” com automatismo pelos alunos fica claro nas aulas de literatura. Ao invés de promover a observação da obra literária e a reflexão dos aspectos de estética, temática e linguagem nela presentes, o professor se limita a expor uma série de características-padrão do modelo paradigmático da escola literária de um determinado período. O aluno, por sua vez, se vê impelido a memorizar passagens históricas e conceitos na maior parte das vezes abstratos ao seu entendimento para designar uma determinada obra que, grande parte das vezes, traz uma linguagem estranha a ele.

Dessa forma, as aulas de literatura voltam-se completamente para a *história da literatura*, em detrimento do trabalho com linguagem, temática, estética e pensamento que poderiam oferecer ao aluno, capacitando-o para a leitura de uma obra, como descreve Luciano Amaral Oliveira:

“A disciplina literatura, presente no currículo de todas as escolas de ensino médio no Brasil, deveria se chamar história da literatura. Afinal, os professores dessa disciplina têm de abordar os movimentos literários cronologicamente, apresentando aos alunos as características prototípicas de cada movimento e os autores tradicionalmente considerados mais representativos desses movimentos e suas características mais proeminentes.” (OLIVEIRA, 2010. 172-173, p.).

Nesse sentido, tomam a palavra recentes teorias pedagógicas preocupadas em atribuir ao aluno participação no processo de ensino/aprendizagem, como a da cotidianidade, que busca no que Michel de Certeau (1998. 137-139, p.) denominou “*artes de fazer*” dos alunos um instrumento para a aquisição do conhecimento. Optando por tal princípio como vetor de encaminhamento teórico, a pesquisadora buscou analisar a possível adaptação da metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) ao ensino de literatura na escola.

A adaptação dos fundamentos teóricos do PBL.

A Aprendizagem Baseada em Problemas é uma proposta pedagógica que começou a ser desenvolvida no final da década de 60 na McMaster University (Canadá) e posteriormente na Universidade de Maastrich na Holanda. Seu preceito central é centrar os procedimentos de ensino no aluno, intencionando que este aprenda por si próprio; suas características essenciais são a organização temática em torno de problemas que contemplam a integração interdisciplinar imbricando componentes teóricos e práticos e a ênfase no desenvolvimento cognitivo.

O método tem origem conceitual nas ideias do filósofo Jonh Dewey (1859–1952) que consistia, em essência, no confronto de estudantes com problemas e na busca de sua solução por meio da discussão em grupos. A filosofia de Dewey fundamentava-se nos conceitos da educação como reconstrução da experiência e crescimento e na motivação como força motriz da aprendizagem:

“Essa é uma forma de revisão reflexiva e sumarização em que há tanto discriminação quanto memorização dos aspectos importantes de uma experiência. Refletir é olhar para o que aconteceu a fim de extrair a rede de significados que constitui o principal material para um comportamento inteligente em experiências futuras [...]”
(DEWEY, 2010. 91, p.)

O aprendizado, como prática da experiência, viabiliza, portanto, o contato do aprendiz com as possibilidades que lhe são apresentadas pelo problema, cabendo a ele próprio buscar caminhos que o levem ao entendimento dos elementos que o compõe. A intenção do presente artigo é demonstrar a utilidade de uma metodologia que se apropria da problematização para deslocar o aluno da passividade do ensino tradicional, tornando-o sujeito ativo e essencial no processo de aprendizagem. Não é, portanto, nosso objetivo testar a implementação da proposta Curricular de Aprendizagem Baseada

em Problemas como se tem adotado em escolas de ensino superior (ESP/CE), mas considerar a validade dos preceitos educacionais contidos no método desenvolvido a partir do pensamento de John Dewey para o ensino de literatura nas escolas, objeto deste estudo.

No que diz respeito à disciplina de literatura, esse problema poderá se valer de diferentes tipos de manifestações sociodiscursivas (cartas, textos jornalísticos, críticas literárias, textos publicitários, documentários...) para prover ao aluno o acesso ao contexto social, ao pensamento filosófico e à concepção estética nos quais determinada obra inseria-se. A literatura e as demais manifestações artísticas podem ser descritas como reproduções materiais do homem que o descrevem por ele próprio, bem como um local de reconhecimento e identificação do mesmo consigo, dessa maneira, o objetivo do trabalho é transmitir essa ideia ao aluno durante seu contato com textos literários.

Considerações finais.

Apresentamos acima considerações a respeito do que vem sendo ponderado sobre o ensino de literatura na educação básica e confirmado pela pesquisadora em sua experiência no Programa de Iniciação à Docência para uma reflexão sobre possíveis abordagens que possam contornar a inoperância do mesmo. Nossos apontamentos puseram sob discussão a necessidade de se atribuir ao aluno maior participação no processo de construção do conhecimento, bem como a utilização de problemas pode ser uma prerrogativa para isto.

Dentro desta perspectiva, concebemos o PBL como um possível facilitador da leitura literária, preterida pelos alunos por sua aparente “hermeticidade”, uma vez que a discussão do problema pode permiti-los relacionar textos literários e textos presentes em seus cotidianos por meio de atividades que exigirão leitura interpretativa, estudo da estrutura e da linguagem e o diálogo que os mesmos estabelecem entre si e com gêneros não-escritos.

Recentes resultados de avaliações promovidas pelos sistemas de avaliação da educação básica em âmbito federal apontam a reformulação das metodologias empregadas no ensino básico como uma necessidade primária para a melhora do desempenho da leitura e compreensão de textos pelos alunos.

Considerando o PIBID um programa que incentiva seus bolsistas à prática de discussões e propostas para esta realidade, a pesquisadora buscou demonstrar uma

possível abordagem que busca promover ao ensino de literatura uma aproximação com o cotidiano dos alunos. A aplicação das premissas centrais da proposta do PBL sob as condições apresentadas apresenta-se passível de promissores resultados no que diz respeito a competência leitora a ao domínio de ideias e conceitos presentes no pensamento artístico-literário por parte dos mesmos; conseqüentemente, representa uma possível proposta de abordagem a ser transmitida aos alunos de graduação dos cursos de licenciatura e também a ser discutida pelos mesmos e seus docentes.

Referências:

- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso: Janeiro de 20013
- ensino médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1999.
- CERTAU, M. A invenção do cotidiano. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. 137-139, p.
- DEWEY, J. *Experiência e educação*. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010. (Coleção Textos Fundantes de Educação).
- OLIVEIRA, L. A. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 171-189, p.